REVISTA Linhas

e-ISSN 1984-7238

Entrevista

DOI: 10.5965/1984723827642026218
http://dx.doi.org/10.5965/1984723827642026218

Entrevista com:

Stefano Harney

Concedida a:

Júlia Coêlho
Thiago Ranniery

Júlia Coêlho: É super importante recebê-lo para esta conversa. Nos últimos tempos, sua produção com Fred Moten, de *Sobcomuns* (2024) a *Tudo Incompleto* (2021) tem oferecido a pesquisadores, artistas, educadores um vocabulário outro para nomear o que insiste em escapar: o Estudo, a Fugitividade, a Hapticalidade, os modos de vida Sobcomuns. Trata-se de uma obra que não se entrega facilmente, que exige de quem a lê a tal despossessão tão abordada em Sobcomuns. E talvez seja exatamente por isso que ela ressoa tão fortemente em tempos nos quais as certezas se desfazem e as instituições mostram sua face mais predatória. As perguntas que gostaria de lhe fazer nascem do cruzamento entre o seu pensamento e algumas questões que fervilham na atualidade, sobretudo para a juventude. Não as formulo com a expectativa de obter respostas estáveis ou definitivas, sei que seria contradizer o espírito da sua escrita. Criamos questões diante da sua densa produção para que sigamos nos inspirando e vislumbrando possibilidades: tanto de posicionamentos ético-políticos quanto de abordagens teórico-conceituais que possam orientar nosso olhar, especialmente para o campo da educação. São questões que visam sobretudo as conexões que o seu pensamento nos desafia a criar.

Fugitividade e estética(s) na América do Sul/ Norte e Caribe

Julia Coêlho: O conceito de Fugitividade e a imagem do Maroon são centrais em Sobcomuns. Na América do Sul e no Caribe, o quilombismo, teorizado por Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento, é uma prática territorial e estética que persiste e se reinventa através dos tempos. Como você vê a relação entre a Fugitividade proposta em Sobcomuns e essas estéticas e práticas políticas que emergem, por exemplo, nas periferias e favelas urbanas, nos territórios indígenas e nas comunidades quilombolas da América do Sul?

Stefano Harney: Quando recebi suas perguntas, imediatamente as compartilhei com Fred, porque elas são muito atentas e sintonizadas com nosso trabalho. Queremos que você saiba o quanto nos sentimos honrados com seu estudo cuidadoso da nossa obra. Obrigado.

Se o Quilombismo é um exemplo do que queremos dizer com Planejamento, com Fugitividade e com a vida dos Sobcomuns (e certamente é), então, isso se deve ao fato de que a tradição na qual fomos formados era uma tradição internacionalista: o Pensamento Negro Radical (Black Radical Tradition nos EUA) como Cedric Robinson a nomeou. Nossos professores, como Robinson, Andaiye, C. L. R. James, Hortense Spillers, Angela Davis e outros, consideravam-se parte de um movimento revolucionário que se estendia por toda a diáspora negra das Américas e adentrava a própria África anticolonial. Todos eles extraíam força de sua consciência dos quilombos no Brasil e de outras práticas de resistência na América do Sul, e todos tinham consciência de serem tanto atenuações quanto transbordamentos de uma África que fora dispersada pelo capitalismo racial, da Nova Escócia a Buenos Aires, e de Havana a Lima.

Esses mentores também nos tornaram cientes da constante Contra-circulação (*Counter-circulation*) de Fugitividade e Planejamento no seio do Pensamento Negro Radical, do modo como ideias, práticas e corpos contrabandeados se moviam através e contra essa vasta geografia naquilo que Julius Scott, escrevendo sobre o Caribe do século XVIII, chamou de "o vento comum" (*common wind*). Essa circunavegação sobcomum assumiu muitas formas ao longo dos dois séculos seguintes. Figuras como Claudia Jones e George Padmore, ambos de Trinidad e Tobago, embarcaram clandestinamente no movimento comunista global, viajando por todas as Américas, Europa, União Soviética e

África, como também fez Shirley Du Bois, especialmente para a China após a revolução. Enquanto isso, figuras do movimento inicial de Teologia da Libertação Negra nos Estados Unidos, como Howard Thurman, pegaram os ventos anticoloniais em direção à Índia e conversaram com Mahatma Gandhi e outras figuras anticoloniais lá, influenciadas por formas libertárias de teologia. O teólogo James Cone encontrou-se secretamente com Steve Biko e outros revolucionários na África do Sul.

Esses são apenas dois fluxos entre muitos no vento comum. Portanto, se nosso trabalho ressoa com o que Nathaniel Mackey chama de "as sociedades de vibração" no Brasil, é porque fomos ensinados nessa tradição internacionalista. Dito isso, trabalhando de Porto de Espanha, Chicago, Londres ou Georgetown, não se poderia conhecer algumas dessas práticas brasileiras com a profundidade de conhecimento e afeto encontrada em Beatriz Nascimento e em outras pessoas imersas no contexto brasileiro. Por seus ensinamentos e exemplos, somos profundamente gratos. Claro, como você sabe, Nascimento também pegou o vento comum em direção a Angola, assim como Lélia Gonzalez, que viajou extensamente pela África. Quando Sobcomuns apareceu pela primeira vez traduzido no Brasil, concedemos uma entrevista ao *Le Monde Diplomatique Brasil* enfatizando nosso internacionalismo. Mas talvez devêssemos ter sido mais claros de que tal internacionalismo não emana dos EUA ou do Caribe em direção à América do Sul e à África. Pelo contrário, como os exemplos de Nascimento e Gonzalez nos lembram, o internacionalismo negro irradia por meio de uma Logisticalidade que é não-local e dispersa por todo o que Fumi Okiji chama de "o mundo enegrecido".

Júlia Coelho: Em *All Incomplete*, vocês analisam a música de Mikey Smith e a *Wall of Respect* como manifestações de uma Socialidade Negra que interrompe a logística. Se pensarmos em estéticas contemporâneas da América do Sul e Caribe, como o Funk, o Reggaeton, o Afrobeat, ou os Grafites e Pichações que ocupam os espaços públicos das cidades; você enxerga nessas produções uma Logisticalidade que desafia a logística do capital? Elas seriam um "jaywalking" sonoro e visual, uma forma de sabotar a "linha de montagem" cultural, ou correm o risco de serem facilmente cooptadas como mais uma "diretiva" estética, mais um produto a ser consumido e esvaziado de sua potência de fuga? Ainda com esse olhar, em sua estadia no Brasil quais experiências estéticas você destacaria?

Stefano Harney: Sou obviamente inadequado para responder a essa pergunta, mas vou tentar. A produção cultural negra brasileira é avassaladora e tenho aprendido algo novo e experimentado quase todos os dias. E, de qualquer forma, acho que você pode antecipar minha resposta. Michel Foucault disse: "de algum modo, a vida sempre escapa". E assim é com essas formas fugitivas de expressão no Brasil. Ser fugitivo não é fugir, mas não ter para onde correr. O capitalismo corporativo e estatal no Brasil prospera com a riqueza da cultura negra brasileira que acredita ter capturado. Ele se banqueteia com ela. E, no entanto, a sensação de insatisfação, de ainda estar com fome, característica desse vampirismo, nunca diminui. Não é uma questão de apropriação. O que é apropriado nunca é a prática fugitiva, mas uma identidade derivada e separada desta prática.

A acadêmica negra britânica Fumi Okiji também faz esse ponto quando diz que outros podem ter a cultura negra, mas não podem roubá-la. Como Fred disse, "ser sem ter" é o fundamento da vida negra. Em vez disso, é um ponto (para)ontológico, como diria Nahum Chandler, ou um ponto de "para-semiose", como colocaria R. A. Judy. Permanecendo com Judy, o que ele chama de "poiẽsis da negridade" em ação, por exemplo, na expressão cultural do Brasil, é mais do que cultural; é um universo de socialidade, resistindo a rebaixamento ou delimitação à "esfera" cultural, muito menos à indústria cultural. Falando por mim mesmo, não consigo tirar os olhos das pichações que vejo por toda parte. Elas criam uma paisagem escrita, uma história visível de jaywalking através da linguagem. Elas também me lembram os caracteres escritos no Sudeste Asiático, e do Graffiti também por lá, embora possam não ter nada a ver um com o outro, mas quem sabe!

Fenômenos da atualidade: extrema-direita e crise do trabalho intelectual

Júlia Coelho: Gostaria de introduzir um fenômeno contemporâneo que tem ganhado força especialmente entre jovens em fóruns online em todo o mundo, conhecido como "redpill". O termo, inspirado no filme Matrix, designa um suposto despertar para "verdades" ocultas sobre as relações de gênero, verdades que, na retórica desses grupos, teriam sido distorcidas pelo feminismo. São grupos alimentados nas lógicas da extrema-direita. Na prática, a chamada "Redpill" funciona como uma doutrinação sistemática para a desconfiança, o ódio e o controle, alimentando-se da insegurança e do isolamento masculinos para canalizar essas angústias em direção a uma fantasia de completude e autossuficiência. Esse fenômeno discursivo, não poderia ser mais concreto em suas consequências. No Brasil, por exemplo, os números de feminicídios (assassinatos causados por razões de gênero) atingiram em 2025 uma média de quatro mulheres assassinadas por dia simplesmente (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026). Trata-se de uma violência que acontece majoritariamente dentro de casa, cometida por companheiros ou ex-companheiros, e que atinge desproporcionalmente mulheres negras, que representam 63,6% dos casos (FBSP, 2026).

É nesse contexto que a obra de vocês oferece ferramentas conceituais para pensar respostas que não se limitem à lógica punitiva ou à mera oposição moral que explicitamente não dá conta do que os dados expõem. Em *Sobcomuns*, você e Fred Moten são profundamente críticos da ideia de "combate" ou "enfrentamento" nos termos tradicionais da política. Vocês nos alertam contra o "acadêmico crítico" que, ao se opor ao sistema, acaba por reforçar a lógica da profissionalização e da "diretiva", que é sempre uma tentativa de "consertar o outro" a partir de uma posição de pretensa superioridade moral ou intelectual. Sendo assim, como pensar não só em respostas políticas, mas também em abordagens investigativas/conceituais no cenário? Se a mera oposição moral, as campanhas punitivistas ou a "crítica" acadêmica a esses grupos correm o risco de se esvaziarem sem tocar nas estruturas que os produzem, o que significaria cultivar uma forma de existência masculina que não se fundamente na fantasia da autossuficiência, do controle e da posse? De que maneira a Hapticalidade, essa capacidade de sentir através do outro, de ser afetado e despossuído pelo outro, pode orientar pesquisas, práticas na educação e formas de vida que operem para além da crítica e da vigilância, criando redes de afeto e cuidado que simplesmente tornem obsoleta a lógica violenta do controle masculino sobre os corpos femininos?

Stefano Harney: Gostaria de começar recuando um passo desta questão, por mais vitais que sejam seus termos. Retornando ao Pensamento Negro Radical como uma tendência internacionalista, é importante dizer que não se trata de uma tradição homogênea. É uma tradição da diferença, mas mais precisamente uma tradição da diferença sem separabilidade, para usar a formulação memorável de Denise Ferreira da Silva, na qual ela se entrelaça e é, em última análise, inseparável do compromisso compartilhado com a "partilha" (*sharedness*) e contra o veneno da soberania e, por extensão, do fascismo que

é o desfecho lógico e único da soberania. Mas, ainda assim, as instâncias da tradição em todas as Américas (e além) respondem a condições locais e enfrentam as regulações locais que convocam e fazem emergir através de suas práticas insurgentes.

Tomemos, por exemplo, a centralidade (desconfortável) da FNB (Frente Negra Brasileira) na história da luta negra brasileira e sua relação com o patrianovismo (e a masculinidade). Esse flerte com o patrianovismo não se limitava apenas à sua liderança. Assim, por um lado, a FNB foi a primeira organização negra de âmbito nacional a surgir no Brasil e a exigir direitos políticos e organizar-se pela integração e inclusão em instituições públicas; por outro lado, o compromisso com a monarquia, o corporativismo e o autoritarismo/catolicismo era profundo nessa organização negra. Lendo estudiosos e ativistas brasileiros tentando compreender a FNB, encontramos muitos argumentos e explicações diferentes, mas uma coisa que esses analistas compartilham é a posição de que a FNB foi um fenômeno unicamente brasileiro. E isso é verdade e, no entanto, não é totalmente verdade.

É verdade porque a FNB é um fenômeno histórico que exigiu a conjuntura de condições presentes no Brasil dos anos 1930. Mas quase todos os elementos da ideologia da FNB estavam presentes de várias formas em diferentes organizações nos EUA e no Caribe, e por razões históricas semelhantes, senão totalmente alinhadas. Por exemplo, o apelo da FNB à monarquia não seria descabido no movimento garveísta nos EUA e no Caribe, liderado por Marcus e Amy Garvey, com todos os adornos de realeza e hierarquia de um passado africano imaginado. A ênfase da FNB no corporativismo e no desenvolvimento capitalista para os negros ressoa com os argumentos da postura de Booker T. Washington, em oposição a W. E. B. Du Bois (e a Frederick Douglass antes dele).

Washington depositou sua fé no desenvolvimento capitalista para elevar os negros no sul dos EUA, especialmente o empreendedorismo negro. E o preterimento da FNB da herança espiritual e cultural africana, e a ênfase na elevação racial e no respeito, ecoa na ala conservadora da *National Association for the Advancement of Colored People* - NAACP (Associação Nacional para o Avanço de Pessoas de Cor, em livre tradução) nos EUA, na Nação do Islã nos EUA e, de fato, em alguns partidos políticos pós-independência

no Caribe que minimizam as tradições africanas em suas sociedades. Mas, examinando mais de perto, podemos ver que essas tendências são opostas: participação na política ou na economia, respeito pela hierarquia ou petições por integração; tanto no Brasil quanto nos EUA e no Caribe, são dois lados da mesma moeda da soberania.

Como resultado, de acordo com o que Abdias Nascimento veio a reconhecer, partes do movimento negro acabaram lutando contra o fascismo com o liberalismo. Esse também tem sido o caso nos EUA, tanto na sociedade civil, na academia e, principalmente, na política eleitoral, especialmente desde a década de 1990, e tem sido um fracasso absoluto, levando, entre outras coisas, a níveis de violência contra as mulheres, especialmente mulheres negras, latinas e indígenas, que não víamos há décadas. Pode ser um ponto óbvio, mas não podemos combater o fascismo com liberalismo, com um apelo à igualdade, com empreendedorismo negro, ou com um apelo ao respeito à constituição, ou com mais programas sociais para amenizar os estragos do capitalismo racial, ou mesmo com um apelo por mais direitos humanos.

Às vezes, como questão de autodefesa coletiva, alguns desses apelos são necessários. Que escolha há na guerra contra as mulheres senão exigir a soberania do corpo individual? Que escolha há na guerra contra os negros e pobres senão exigir justiça para aqueles executados pela polícia? Mas esses apelos são sinais de guerras. São apelos ao sistema do liberalismo que sempre esconde o fascismo como sua outra face inevitável. Esse apelo não vai deter a extrema-direita. O sujeito-cidadão tende ao fascismo, porque por trás do empoderamento espreita(m) a(s) separação(ões) do poder. Na verdade, não há outro tipo de poder. Como Fred e eu dissemos, o poder policial separa corpos através da morte e da mutilação. O poder político, judicial, institucional, todos funcionam da mesma maneira.

O patriarcado precede o capitalismo racial, como Gayatri Spivak frequentemente nos lembra. Mas é novamente Denise Ferreira da Silva quem nos ensina, em *Homo modernus*, como essa forma de separação foi integrada ao pensamento europeu moderno para produzir a hegemonia do capitalismo racial. Suturando o patriarca ao sujeito-cidadão, produziu-se a branquitude necessária para a colonização e para o colono. Como Cedric Robinson nos ensina, os europeus praticavam a racialização uns dos outros,

por exemplo, na conquista colonial da Irlanda e na subordinação dos povos eslavos, um processo histórico que seguiu o que Michel Foucault chamou de guerras raciais da Europa a estabelecer o sujeito e o objeto da raça em primeiro lugar. Mas com a ascensão da figura moderna do sujeito-cidadão patriarcal, possibilitada pela acumulação capitalista emergente, o racismo se consolida numa figura e num continente.

Outras formas de patriarcado sobrevivem, mas agora são periféricas a essa força histórica. Felizmente, contra esse sujeito-cidadão patriarcal estão alinhadas as forças dos "afetáveis", como Denise os chama, as forças da "desidentidade", como José Muñoz as chamou. É pouco consolo que o aumento do feminicídio e da guerra generalizada contra as mulheres, especialmente mulheres negras e indígenas, seja um sinal do fracasso do sujeito-cidadão, assim como seu predecessor colono branco, em última análise, fracassou. Sabemos que ele fracassou porque pensa que venceu, e sabemos que o atual sujeito-cidadão homicida fracassará porque pensa que está vencendo. Não precisávamos dos fracassos definitivos da subjetividade-cidadã patriarcal bombardeando uma escola de meninas no Irã para saber disso.

Estudo (Study), jovens pesquisadores em uma perspectiva transnacional

Júlia Coêlho: Em *Sobcomuns*, o Estudo é definido como uma prática social incessante e coletiva que antecede e excede a sala de aula, em contraste com a educação que visa produzir um indivíduo acabado e empregável. Considerando a atual condição transnacional de jovens pesquisadores, que muitas vezes circulam entre países para estágios, doutorados-sanduíche e pós-doutorados, como esse movimento geográfico afeta as possibilidades de/do Estudo? Como esse nomadismo acadêmico pode, de alguma forma, reacender a Hapticalidade, tão central para a Socialidade dos Sobrecomuns?

Júlia Coêlho: Seguindo com o olhar para movimentos geográficos, como o conceito de Hapticalidade pode indicar possibilidades para o fortalecimento de questões ou agendas de pesquisas guiadas pelo que emerge da Socialidade Sobcomum em vez de seguir por um caminho de revisão das questões de pesquisas levantadas por orientadores e demais figuras de destaque no cenário acadêmico?

Júlia Coêlho: Ainda sobre a figura do jovem pesquisador, especialmente aqueles das periferias globais ou de países do Sul Global, como o Brasil, a ida para o Norte é muitas vezes vista como um rito de passagem, uma "melhoria" curricular inevitável. Em *All Incomplete*, há críticas fundamentais à noção de melhoria (*self-improvement*) como um imperativo da modernidade. Como um jovem pesquisador pode resistir a esse imperativo

da melhoria e cultivar o Estudo quando sua própria sobrevivência na carreira depende de se tornar um "sujeito acumulativo", que acumula créditos, publicações e habilidades? Existe uma forma de transformar essa jornada transnacional em uma experiência de Educação parcial, em vez de uma simples etapa na linha de montagem da produtividade acadêmica?

Stefano Harney: Gostaria de responder a essas perguntas juntas – questões de dispersão e reunião – poderíamos dizer. Não há como negar que os estudantes estão sob a mais severa pressão no sistema. E essa pressão é ainda mais aguda no Sul Global, porque as universidades no Sul Global são usadas pelo complexo educacional-industrial como laboratórios para mais inovação neoliberal. Veja a privatização precoce do ensino superior no Chile, ou os modelos de ensino a distância no Sudeste Asiático. Mas se há pessoas capazes de sobreviver a essa precarização e monetarização da universidade, juntamente com sua transformação em um ministério adjunto da guerra e da cidadania, são os estudantes negros.

A vida diaspórica africana sempre foi caracterizada por um movimento duplo, dispersão e reunião, a expiração e a inspiração da vida coletiva diaspórica. Talvez o Estudo seja apenas o nome que damos para estar consciente da necessidade de inspirar e preparado para a necessidade concomitante de expirar, de expirar e não se apegar à forma, à identidade, até mesmo à organização. A acadêmica feminista haitiana Gina Athena Ulysse chama essa inspiração de *rasanblaj* no crioulo haitiano, um reunir-se que não sofre da nostalgia ou da museologia de tentar recriar algo, mas que institui novamente uma vida subcomum. Mas como pode haver uma reagregação que não se baseie no projeto da linha de montagem? Talvez a dispersão nunca tenha sido outra coisa senão o estiramento no enrolado, torcido, emaranhado, na dobra e no abraço da reunião. Talvez esse esticar e puxar, essa atenuação, também pudesse ser chamada de hapticalidade no momento antes do estalo de volta, quando as pessoas se encontram ao se perderem.

Em termos do problema da pergunta de pesquisa, dos orientadores universitários e das demandas institucionais de dispersão feitas pela instituição, operando através da imposição da individuação e sua contribuição única para o conhecimento, poderíamos retornar a um recente ressurgimento de um ensaio de W. E. B. Du Bois, chamado

Sociology Hesitant (Sociologia Hesitante, em livre tradução). Na superfície, é uma crítica à ideia de uma ciência da sociedade que pode ser, em última instância, compreendida e prevista através da matemática. Mas por baixo dessa crítica emerge uma teoria do acaso não diferente da hapticalidade, na qual o acaso não é acidente, ele simplesmente não opera pelas regras da previsibilidade e do cálculo. É um tipo de argumento quântico da hapticalidade como método de ações fantasmagóricas a distância. Ou para ser direto, é o que acontece na maneira como o conhecimento se desdobra em um terreiro todos os dias. Tal método, sem dúvida, desordenaria uma pergunta de pesquisa, a maioria dos orientadores e a ordem do conhecimento de forma mais geral. Sabemos disso porque já acontece no que há de melhor nos Estudos Negros, que, se é preciso dizer, não são nem anticientíficos nem apenas místicos. Esses estudos são lampejos de arquiteturação da socialidade negra contra a mera sociologia do mundo ordenado e administrado.

Júlia Coêlho: Gostaria de partir de um contexto que talvez seja familiar a muitos dos nossos leitores no Sul Global, especialmente no Brasil e na América Latina. Nas últimas duas décadas, testemunhamos uma expansão inédita do acesso ao ensino superior, com a criação de novas universidades públicas, cotas raciais e sociais, e a entrada de contingentes expressivos de estudantes negros, indígenas e de periferias/favelas no ambiente acadêmico. Esse movimento, profundamente significativo do ponto de vista da justiça social, prometia democratizar o conhecimento e transformar a universidade. No entanto, o que se viu, em muitos casos, foi a chegada desses novos corpos a uma instituição que não se transformou para recebê-los, uma universidade cada vez mais rendida à lógica do mercado, do produtivismo e da precarização. O sonho de acesso à universidade pública convergiu, tragicamente, com o pesadelo do capitalismo acadêmico globalizado.

Júlia Coêlho: Em *All Incomplete*, vocês descrevem a Educação Total como um regime que diagnostica a perversão em todos os aspectos da vida para justificar uma instrução corretiva incessante. Em *Sobcomuns*, a universidade é denunciada como uma fábrica que produz não apenas conhecimento, mas também dívida, encarceramento e subjetividades ajustadas às demandas do capital. Observamos hoje, em escala global, um conjunto de paradoxos que parecem levar essa lógica ao extremo. O primeiro paradoxo é o da escassez na abundância: a carreira acadêmica, especialmente para as gerações mais jovens, transformou-se numa corrida desenfreada por financiamento cada vez mais escasso, uma competição que exige produção incessante, métricas de impacto, presença em redes internacionais e submissão a formas cada vez mais intrusivas de vigilância e avaliação por parte do Estado e das agências de fomento. O segundo paradoxo, talvez o mais perverso, é o da inclusão subordinada: aqueles que historicamente foram excluídos da universidade, os mesmos ao finalmente adentrarem seus muros, encontram uma

instituição que os submete a um processo ainda mais sofisticado de "melhoria" e "correção", transformando suas diferenças em capital, suas experiências em currículo, suas lutas em objetos de estudo. O jovem pesquisador do Sul Global, especialmente o negro, o indígena, o favelado/periférico, é hoje simultaneamente hiperqualificado e descartável, endividado e cobrado, incluído e expulso, vigiado e abandonado.

Diante desse cenário, que parece concretizar o pior dos dois mundos, a exploração do trabalho imaterial e a violência da escassez, a promessa de inclusão e a realidade da subordinação; como a noção de Estudo pode oferecer uma brecha? Existe alguma possibilidade de, dentro dessa máquina, cultivar aquilo que vocês chamam de Educação parcial, ou a universidade contemporânea já se tornou um dispositivo tão totalitário que a única saída é o "refúgio" fora dela? Em outras palavras, ainda é possível "roubar" a universidade ou ela já aprendeu a nos vigiar tão bem, a transformar nossa própria crítica em mais uma linha no currículo, que o furto se tornou quase impossível? E, para aqueles que chegaram à universidade carregando consigo as histórias e as lutas dos sobcomuns, os quilombos, as aldeias, as periferias e favelas, o que significa hoje Estudar sem ser capturado, Planejar sem sucumbir às "diretivas", Fugir permanecendo dentro?

Stefano Harney: É impossível ignorar as mudanças positivas trazidas pelos programas de ação afirmativa iniciados pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nas universidades brasileiras e, como resultado, na mídia, nas artes e na política. E, no entanto, é claro, há grandes setores da universidade brasileira que continuam a ignorar essas mudanças. Parece-me, como observador externo, que a resistência a essas mudanças é caracterizada não apenas por esse ignorar, e por essa ignorância, mas por uma negligência generalizada por parte dos setores poderosos da universidade e seus departamentos, uma negligência que é intelectual, financeira e, em última instância, também espiritual. Mas essa postura passivo-agressiva ainda sugere que há algo a temer nas maneiras como os estudantes negros, indígenas e pobres estão roubando da universidade, e especialmente no modo como roubam seu tempo.

O tempo, e especialmente o tempo de trabalho, é o que a universidade mais reivindica. Negá-lo à universidade através do estudo, da não cooperação e da reapropriação de recursos, começando pelo que eles rotulam de "recursos humanos", continua sendo a maior ameaça a eles e a maior possibilidade para os estudantes dentro da instituição. As apostas são altas. Lembremos que na África vimos como os programas de ajuste estrutural do FMI, em conjunto com governos neocoloniais, destruíram os experimentos empolgantes em pensamento anticolonial que ocorriam nas universidades

africanas pós-coloniais nas décadas de 1960 e 1970. A vida intelectual institucional na África sofreu um golpe quase fatal, privando o continente de uma parte importante da autodefesa anticolonial pelas quatro décadas seguintes, com resultados previsíveis.

Dito isso, a universidade é um local de trabalho, como sempre dizemos. Onde alguns de nós precisam trabalhar, ou seja, produzir, e parecer que estamos melhorando a nós mesmos e à instituição. Mas devemos fazer isso enquanto trabalhamos, diariamente, pela abolição desta instituição que nos dá nossa bolsa ou nosso salário. É uma contradição, mas uma que deve ser acentuada e aprofundada através de nossa cumplicidade uns com os outros. Devemos empurrar essa contradição de receber dinheiro (e roubar tempo) da universidade enquanto tentamos aboli-la, porque a universidade não pode ser reformada. Isso significa dizer que, como todas as instituições no capitalismo racial, a universidade tem uma missão primária que nunca é articulada na "página de missão" do site da instituição. O site pode dizer que a missão da universidade é educar ou produzir uma força de trabalho produtiva, assim como o site do hospital alega curar ou produzir saúde, e o site do banco, produzir prosperidade. Mas aqueles que exigem reforma, que exigem que a instituição esteja à altura da declaração de missão do seu site, nunca conseguirão o que querem. Porque essa declaração de missão é apenas de interesse secundário para a instituição. Outra missão sempre tem prioridade. A missão primária de toda instituição é produzir uma logística da individuação. O estudante individualizado, o paciente, o cliente, o criminoso, o artista, todos são resultados logísticos da instituição, unidades separadas que podem ser mais ou menos bem-sucedidas em acessar e ser empregadas no capitalismo racial. Esse é o nosso destino se pararmos de Estudar.

Indicações para os leitores, espero que gostem!

ANDAIYE. **The Point is to Change the World**. Londres: Pluto Press, 2020.

CHANDLER, Nahum. **X - The Problem of the Negro as Problem for Thought**. Nova York: American Literature Initiative Press, 2013.

CONE, James. **A Black Theology of Liberation**. Nova York: Orbis Books, 1970.

JONES, Claudia. **A Fighting Dream**: the political writings of Claudia Jones. [S. l.]: 1804 Books, 2024.

JUDY, R. A. **Sentient Flesh**: Thinking in Disorder, Blackness as Poiesis. Durham: Duke University Press, 2020.

MACKEY, Nathaniel. **Paracritical Hinge**: Essays, Talks, Notes, Interviews. Iowa City: University of Iowa Press, 2018.

OKIJI, Fumi. **Billie's Bent Elbow**: Exorbitance, Intimacy and a Non-sensuous Standard. Stanford: Stanford University Press, 2025.

OKIJI, Fumi. **Jazz as Critique**: Adorno and Black Expression Revisited. Stanford: Stanford University Press, 2018.

PADMORE, George. **The Life and Struggles of Negro Toilers**. [S. l.]: Wildside Press, 2021.
SCOTT, Julius S. **The Common Wind**: Afro-American Currents in the Age of the Haitian Revolution. Londres: Verso Books, 2020.

THURMAN, Howard. **Jesus and the Dispossessed**. Boston: Beacon Press, 2012. Originalmente publicado em 1949.

ULYSSE, Gina Athena. **A Call to Rasanblaj**. Atenas: Fundação Rosa Luxemburgo, 2023. Disponível em: https://rosalux.gr/en/publication/a-call-to-rasanblaj/. Acesso em: 13 mar. 2026.

WILLIAMS, Geraldine. **Race Women**: the lives of Shirley Graham Dubois. Nova York: New York University Press, 2000.

Referências

DATASENADO. **Pesquisa Nacional de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher 2023**. Brasília: Senado Federal, 2024. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado . Acesso em: 21 dez. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025**. São Paulo: FBSP, 2026. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica . Acesso em: 22 dez. 2025.

HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. **All Incomplete**. Colchester; New York; Port Watson: Minor Compositions, 2021.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. P**ainel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos – Disque 100**. Brasília: MDHC, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados. Acesso em: 10 fev. 2026.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. **Sobcomuns:** Planejamento Fugitivo e Estudo Negro. Tradução: Mariana Ruggieri, Raquel Parrine, Roger Farias de Melo, Viviane Nogueira. São Paulo: Ubu Editora, 2024.